

## O DRAMA PSICOLÓGICO EM AS TROIANAS DE SÊNECA

Iran Ferreira de Melo

Jamerson José da Silva

### Notas biográficas de Sêneca e históricas de Roma

Espanhol de Córdoba, o retór, filósofo, moralista e tragediógrafo, *Lucius Annaeus Seneca*, foi o primeiro representante do estoicismo romano. Era filho de Hélvia e de Marcus Annaeus Sêneca – conhecido como Sêneca o velho, que teve renome como retórico e escreveu a famosa obra *Declamações*.

A produção de Lucius Sêneca, além de textos filosóficos, compreende nove tragédias: *O Hércules Furens*, *As Troades*, *As Phoenissae*, *A Medea*, *A Phaedra*, *O Édipo*, *O Agaménon*, *O Tiestes*, *O Hércules Oetaeus*; e uma obra prima da sátira latina *Apokolokintoses*, que ridicularizava Cláudio e suas pretensões à divindade. Essas obras são construtos da vivência de um homem-pensador que conviveu em uma época histórica repleta de contradições, além de uma visão penetrante sobre a realidade, seu material de criação filosófica e literária.

Diante dessas considerações, pode-se dizer que a história do filósofo transitou entre altos e baixos: viveu num período de transições políticas bastante complexo, uma época de mudanças culturais, sociais e econômicas, de crises ideológicas e religiosas (advento do cristianismo); bem como perpassou pelo governo de três imperadores: Tibério (14 – 37 d.C.), Calígula (41 – 54 d.C.) e Nero (54 – 68 d.C.).

Durante o governo do segundo sucessor de Otávio, Calígula, a atuação política de Sêneca era constante; pronunciando-se explicitamente contra o governo, ocasionou a ira do imperador. Já no governo de Cláudio, uma intriga

palaciana urdida pela imperatriz Messalina o faz ser banido em 41 d.C. para Córsega, onde permaneceu durante oito anos.

Contudo, Sêneca fez dessas tramas da sua época um instrumento para uma mudança de rumo na sua vida: após a morte da imperatriz Messalina, a esposa de Cláudio, este inicia um audacioso plano que visava entronar seu filho Nero no poder de Roma e, para tanto, conseguir o retorno do poeta à cidade; Sêneca, portanto, indo ao encontro dos interesses do governante, não se dobrou a nenhum cálculo e pretendeu criar em Nero o modelo sonhado do imperador filósofo, fazendo com que ele fomentasse o cultivo da música e da ginástica. Com a elevação ao trono de Nero, o poeta e dramaturgo se torna uma das figuras mais representativas do império romano na era neroniana.

### **Sêneca e a influência grega**

Se, segundo Aristóteles, o espetáculo (a apresentação cênica) era o elemento que menos interessava na construção da tragédia, podemos dizer que a obra de Sêneca nada deixa a desejar no que tange à formação de um texto, em si, trágico. Suas peças não eram para serem encenadas, mas declamadas, à nobreza romana nos palácios. Eram tragédias retóricas e impregnadas de estoicismo sob sentenças morais, elas se configuraram como grande reflexo da sociedade a que pertenciam. Eram todas tradução de tragédias gregas. Foi dos três maiores dramaturgos gregos (Ésquilo, Sófocles e Eurípedes), principalmente este último, que Sêneca retirou o enredo trágico para suas peças.

A Lúcio Sêneca não era permitida a crítica social explícita, por isso a escolha de tragédias e textos filosóficos para traduzir a sua indignação com a política romana, seus textos filosóficos eram sempre estoicistas, sobre a moral e a virtude. Afora o teatro palaciano de Sêneca, o que a sociedade conhecia era o da banalidade, da sexualidade desenfreada, da violência, enfim, do sensacionalismo dado à população, sem sentido crítico algum; muito diferentemente dos espetáculos gregos – totalmente associados a valores de ordem política, ética e moral – essa prática dramatúrgica em Roma possuía um fim político, formulada pelos dirigentes romanos naquele período histórico.

Sêneca não possuía a pretensão de criar uma obra para ser encenada, ele queria que seu texto fosse proferido, refletido e interpretado como alegoria

da política romana, desejava que, com as dores das tragédias, uma voz crítica da situação social de seu povo emanasse aos ouvidos dos palacianos, para tanto, reconstituiu alguns mitos da Hélade antiga em suas peças.

O modo que Aristóteles descortinou para o formato quantitativo das tragédias gregas é respeitada na tragédia latina de Sêneca: uma encenação formada de partes regidas pelo coro ou pelos personagens e que simbolizavam a diegese da obra (**prólogo** – texto introdutório; **párodo** – canto inicial; **episódios** – atos que se alternam com outros cantos chamados estásimos; **êxodo** - diálogo conclusivo e, às vezes, o **kommós** – um canto extremamente lamentoso pelo escândalo da tragédia.

As tragédias de Sêneca são inferiores às gregas quanto à teatralidade, mas apresentam diversos traços de criatividade; há muitas cenas de horror, catarse esplêndida. Diferentes das tragédias gregas, as cenas são estáticas, fato este que ratifica não terem sido escritas para serem apresentadas; há nelas falta de movimentação e clímax, parte-se de uma crise inicial que se mantém até o fim.

### ***As Troianas de Sêneca***

Com a guerra do Peloponeso, Eurípedes ficou desacreditado nos valores morais e religiosos; resolveu, então, escrever *As troianas*, na qual representa os gregos como vilões (os agentes trágicos) e as troianas – esposas e familiares daqueles que foram à guerra – como as vítimas trágicas. Eurípedes, portanto, opunha-se às guerras em suas tragédias. Suas peças *Hécuba* e *As Troianas* foram as obras que mais inspiraram o teatro de Sêneca, ao ponto dele escrever um outro texto também chamado *As Troianas*. Esta apresentando dois motivos trágicos, o primeiro, inspirado em *Hécuba*, versa sobre a morte de Políxena, uma das filhas de Príamo (imperador de Tróia) e de Hécuba; o segundo, baseado em *As Troianas*, episódio sobre a morte de Astíanax, neto do casal de imperadores e filho do descendente Heitor com Andrômaca.

Baseada na saga que versa sobre a guerra de Tróia e Grécia, *As Troianas* discorre acerca da crueldade e a angústia humana decorrente da incapacidade de se traçar o destino. Quando se verifica a obra de Eurípedes

quanto às partes quantitativas dessa tragédia, percebe-se que ele não seguiu os preceitos ditados por Aristóteles para a construção de um texto trágico.

Nesse dramaturgo a peça inicia-se com um diálogo entre os deuses Poseidon e Atena e é seguido de uma lamentação de Hécuba, esposa do rei Príamo de Tróia, às troianas e de anúncio de Taltíbio, arauto grego, à Hécuba sobre o concubinato de Cassandra e o mistério sobre a morte de Políxena, ambas filhas dos imperadores Hécuba e Príamo. Num outro momento Taltíbio anuncia à Andrômaca, esposa de Heitor, filho de Príamo e Hécuba, que, após a morte do seu marido pelos gregos, a ela coube a partilha com Neoptólemo, filho de Aquiles, e que Hécuba ficará escrava de Odisseu, o rei de Ítaca. Na cena posterior aparece Cassandra em delírios tomada pelo deus a quem era sacerdotisa, Apolo; após isso, o coro canta a tristeza de Tróia; a partir daí, Andrômaca aparece com seu filho, a criança Astíanax, único herdeiro do reino de Tróia, e o entrega aos soldados gregos para a morte; Hécuba exorta a ida de Andrômaca e Astíanax, acompanhada pelo lamento do coro; em outra cena Menelau, rei de Esparta castiga Helena, sua esposa, pela suposta traição causadora da guerra; por fim, Taltíbio traz Astíanax morto para Hécuba e a peça se encerra com o incêndio de Tróia pelos gregos e a saída de uma nau para a Grécia levando as mulheres troianas.

Diferentemente da forma como Eurípedes construiu sua peça, o texto senequiano segue os preceitos estabelecidos por Aristóteles. Nele a rainha Hécuba inicia o prólogo fazendo uma sinopse da guerra e atua também no párodo como um prolongamento do prólogo; assume a função de corifeu e dialoga com as mulheres da cidade. Na cena I do primeiro episódio, Taltíbio, descrevendo a aparição de Aquiles, o grande herói grego, conversa com as troianas anunciando o primeiro motivo trágico da peça: a morte de Políxena. Têm-se na cena II as presenças de Pirro, filho de Aquiles e a de Agamenon, comandante dos gregos em Tróia e na cena III o anúncio do segundo motivo trágico: a morte de Astíanax. A desesperança das troianas e a dúvida sobre uma existência após a morte é descrita no estásimo I. Já no episódio II, o dilema de Andrômaca e a entrega de seu filho aos gregos acontece composto de três cenas: na primeira Andrômaca, o ancião e Astíanax; na segunda, Andrômaca, Ulisses, Astíanax e soldados gregos e na terceira cena Andrômaca, Ulisses e

soldados gregos seguida por monólogo lamurioso das troianas por não saberem para onde rumarão, constituindo o estásimo II.

No episódio III, Políxena é levada para a morte. Vê-se nesse episódio duas cenas: a primeira apresenta Helena, Políxena, Hécuba e troianas; já na segunda, Helena, Andrômaca, Políxena, Hécuba, troianas e Pirro; e no estásimo III ocorre uma evocação ao sofrimento coletivo. Finalmente, no êxodo um mensageiro aponta as circunstâncias das mortes de Políxena e Astíanax; apresentam-se, nesse momento, Hécuba, Andrômaca e o mensageiro.

Muito diferente do texto de Sêneca, Eurípedes propõe a expressão do terror causado pela guerra através da descrição de diversos movimentos, como o crepitar de chamas no momento da destruição final de Tróia (Templos todos de Tróia querida ... (...) ... desabais na voragem das chamas. Veio a morte na ponta das lanças. Hécuba p.224); a loucura e possessão de Cassandra (Entra Cassandra, vindo de uma das tendas dançando, trazendo as insígnias de sacerdotisa (...) imagina, em seu delírio, estar celebrando suas próprias bodas. Rubrica p.181), a trajetória de carruagens (Chega um carro, puxado por soldados gregos, trazendo Andrômaca e seu filho Astíanax. Rubrica p.191), etc,

Sêneca preocupava-se com o efeito retórico que o texto causava, e não com os efeitos cênicos em si; ele estava interessado em apontar a epistemologia da dor que os palacianos não conheciam e daí se utilizou da expressão da desarticulação psicológica dos personagens da guerra de Tróia. Além de “demolir” da corte o discurso que representava a fraqueza do povo subalterno, esse aspecto pode ser comprovado pelas falas das personagens Hécuba e Andrômaca.

Já no início do texto, no párodo, Hécuba, diferentemente da peça eurípideana, apresenta-se com postura de resistência pedindo às mulheres, que também sofriam com ela pela ausência e morte de seus maridos e filhos com a guerra, que se rebelassem e não se entregassem tão facilmente aos soldados gregos. O comportamento que tiveram foi o de desnudar os bustos, a fim de apresentarem sua dor e de subverterem, pelo menos, à prática de fácil submissão, não calando e levantando a voz, não simplesmente como forma de apelo, mas para mostrarem resignação e força, daí as batidas que dispõem no peito, simbolizando resquícios de fortaleza. Hécuba:

Companheiras fiéis de minha dor,  
soltai a cabeleira! Que os cabelos caiam  
pelos ombros aflitos, sujos de cinza quente de Tróia  
que a multidão desnude os braços  
após ter deixado cair vossas vestes,  
atai as dobras, e que vossos corpos  
se mostrem até o ventre. Para que casamento  
velas o peito, ó pudor escravo?  
Que um nó cinja as túnicas soltas  
Que se desimpeçam vossas mãos furiosas,  
para os golpes das pancadas incessantes  
...  
Agora, agora, ó sofrimento, mostra tua força!  
...  
... Que o mar  
e o céu os escutem! Sede cruéis, ó mãos!  
Golpeai os peitos com violentos murros.  
Não me satisfaço com o som habitual:  
Choramos Heitor. (p. 35 – 37)

Uma atitude também de grande resistência foi a que Sêneca apresentou de Andrômaca ao ter que entregar seu filho Astíanax às mãos de Taltíbio para a morte. Essa cena não existia em Eurípedes, nela a mãe se lamenta num choro breve, mas entrega a criança:

... Morre !

Sim ! Morre, tu, que foste com teus belos olhos

a causa do aviltante fim de nossa Tróia!

...

Os deuses decretaram nossa perdição

E não posso impedir a morte de meu filho!... (p. 202)

No texto de Sêneca, *Andrômaca*, ao ser perguntada por Ulisses onde está seu filho, mente, dizendo que não sabe:

Oxalá, meu filho, estivesses realmente em minhas mãos! Eu saberia que desgraça ou que região te reteria, a ti que foste arrancado de mim! (...) Ó meu filho, que lugar te retém neste momento? Que sorte? (p. 77)

Ulisses recusa o argumento de *Andrômaca* e a desmente: “Basta de palavras fingidas. (...) Abandona esses planos inúteis. Onde está teu filho?” (p. 79).

*Andrômaca* assume uma atitude de tomada de forças contra o poder da Grécia representado aqui por Ulisses, dissimulando seu pedido por *Astíanax* e indagando-o: “Onde está Heitor? Onde estão todos os frígios? Onde está Príamo? Tu procuras um; eu procuro todos” (p. 79).

*Andrômaca* afirma que prefere morrer a dizer onde está seu filho: “Se desejas forçar *Andrômaca* pelo medo, Ulisses, ameaça-a com a vida, pois meu desejo é morrer” (p. 79).

Ulisses ainda a ameaça de violência, e, mesmo assim, a mãe resiste e afirma que o filho está morto:

A mãe corajosa não admite nenhum temor

(...)

E tu, como costumás, leva aos pelasgos notícias felizes: o filho de Heitor se foi !

(...)

Ele jaz entre os mortos (p. 81 – 83)

Ulisses, desse modo, diz que precisa levar à Grécia as cinzas de Heitor (uma vez que o menino se subtraiu à morte exigida), assim, é preciso demolir o túmulo do príncipe. Andrômaca se apavora, também não aceita que levem as cinzas do marido, uma dualidade a abate: “Que fazer? Um duplo temor divide minha alma. De um lado, meu filho de outro as cinzas do esposo querido” (p. 85).

É na égide de dramas como esse que se edifica a poética de Sêneca, drama psicológico pelo qual passam as personagens Hécuba e Andrômaca.

No filósofo Sêneca há a preferência pela palavra, é o efeito que esta possui e a carga discursiva concretizada em ações de resistência que efetiva, por exemplo, a falta com a verdade frente ao opressor, como fez Andrômaca, ou a força ilocucionária de um “avante” para a ousadia de afrontá-lo, como fez Hécuba. *As Troianas* de Sêneca é o seu olhar para a sociedade romana tanto quanto o foi o de Eurípedes em relação à grega, o diferencial é a forma que os dois se utilizaram para dizer o que disseram: o grego pelos artefatos do teatro, o latino pelo bastião da palavra.

### **Enfim ...**

Sêneca apresenta, como toda obra literária, seu apoio no real, no concreto para criar suas metáforas e contradições, assim, sendo o reflexo de um povo que deveria lutar contra a opressão de governantes insensíveis aos clamores populares.

A abordagem psicológica dada às personagens Hécuba e Andrômaca deve ser analisada à luz de um momento histórico de muitas contradições e pela vivência pessoal de um homem que precisou trabalhar com a linguagem artística para dizer o que não poderia ser explicitado, principalmente diante da posição política que possuía.

### **Referências bibliográficas**

EURÌPEDES. **As Troianas**. São Paulo, s/d

SÊNECA, Lucio Aneu. **As Troianas**. Trad. Zélia Cordoso. São Paulo: Hucitec, 1987

Iran Ferreira de Melo ([iranmelo@usp.br](mailto:iranmelo@usp.br)) é doutorando do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela USP/FFLCH e Jamerson José da Silva ([jamersonsilvas@bol.com.br](mailto:jamersonsilvas@bol.com.br)) é graduado em Letras pela UFPE/CAC.